

A Voz
Lisboa

14-12-943

ano 17

n.º 6029

pag 6

col 3.ª

diário

A BOLSA DO LIVRO

Sem intuíto mercantil, está o sr. J. Vieira Alves, que teve a infelicidade de cegar, a montar em Lisboa uma organização semelhante às que existem nas grandes capitais estrangeiras, destinadas a prestar ao público toda a especie de informações sobre livros, autores, editores, jornais, revistas e escolas.

Outra secção da Bolsa do Livro, titulo da nova instituição, tratará de trocas, empréstimo reciproco de livros, orientação profissional, assinaturas de publicações, matriculas e transferencias escolares, etc.

E' uma iniciativa muito util e simpática.

A Voz do Operário

Lisboa

Imp. - Dag.

ano 85

pag 4^a

mensário

n.º 264

col. 4^a

A Bôlsa do Livro

EM breve começará a funcionar em Lisboa este novo estabelecimento, caracterizada-mente cultural, que se destina a auxiliar todos os estudiosos, fornecendo-lhes livros em regime de empréstimo, facultando-lhes informações bio-bibliográficas, didácticas e biblioteconómicas, etc.

Admiravelmente situado, está destinado a ponto obrigatório como tertúlia de intelectuais, jornalistas e escriptores — muitos sendo os que estão dando à Bôlsa do Livro o seu franco concurso e espontânea colaboração.

Técnica de alfaiataria
Lisboa

Novembro 1943

ano 32

n.º 32

pag 12

vol. 1

memoria

A BOLSA DO LIVRO

Em breve começará a funcionar em Lisboa este novo estabelecimento, caracterizadamente cultural, que se destina a auxiliar todos os estudiosos, fornecendo-lhes livros em regime de empréstimo, facultando-lhes informações bio bibliográficas, didácticas, e biblioteconómicas, etc.

Admiravelmente situado, está designado a ponto obrigatório como tertúlia de intelectuais, jornalistas e escritores — muitos sendo os que estão dando à «A Bôlsa do Livro» o seu franco concurso e espontânea colaboração.

Gazeta do Sul

Montijo

5-12-45

ano 14

pag 5

educação

nº 674

col 1º 2º - 3º

A Bôlsa do livro

PARA BEM DA CULTURA POPULAR

Satisfação espiritual das camadas sociais menos favorecidas.

Ora, não há dúvida de que não deixa de ser digna de atenciosa meditação o que numerosas editoriais vêm fazendo, algumas com evidente sentido utilitário, outras com um fim nitidamente especial. Creio, porém que, de qualquer forma, tôdas servem ou procuram servir a cultura nacional e até destas há as que se destacam no seu desejo de ajudar a satisfazer a *ansiedade* espiritual dos menos favorecidos.

É este um ótimo sintoma, e não deixarei de referir um apontamento colhido já não sei onde, segundo o qual as boas letras e os úteis esforços das mesmas se exibem e se acentuam mais em períodos conturbados da vida social.

Paradoxo? Talvez não tanto como à superfície aparece.

A literatura pré-revolucionária francesa, e a russa do último meio século de czarismo; a do agitado período das guerras napoleônicas e do segundo império, servir-nos-iam de exemplo, se o nosso período felpino não nos peitasse mais e melhor.

Profunda lição se colhe, ainda, do facto de ser nessas e quejandas alternativas que a verdadeira, a genuína cultura popular é melhor servida.

Será porque as mais baixas camadas leitoras merecem, então, especiais atenções?

Ou é porque nos períodos efervescentes abundam cultores do Espírito ligeiramente sôbre-elevados da *plebe*, que vivam (e não raro morrem) nas agruras e dramas da ansiedade humana? ...

Num postulado se assentou, parece-me, há muito, neste particular, e é que a cultura, a *Educação social* só é digna deste nome se *servir*, especialmente, os mais incapacitados.

Escrever brilhantemente, para os lentos; produzir páginas admiráveis, para volumes raros e de preços proibitivos; publicar livros, só para as *élites* do pensamento e para os *dandys* intelectuais — pode ser adorável passatempo para aveludar vaidades de peraltas e elegâncias de sécias, mas não me parece que seja a melhor forma de servir a elevação mental, estruturando esta cultura sequiosa de Infinito, que faz os povos fortes e alegres, sádios de soração, prontos e seguros de entendimento.

E só quem invejar, despertado pela sombra alheia, o progresso social, é que preferirá o retorno aos difíceis e morosos processos literários convencionais da Meia idade.

Ponha-se, pois, o LIVRO — o grande, o constante Amigo do Homem — a circular. Acabe-se com o livro caro, escreva-se para quem mais precisa de ler e de meditar.

Desapareça, porém, a *competição* —

— que mais parece maratona de alfabetos! — de certas editoriais, atreitas a lançar no mercado a mesma obra ... com diferentes nomes.

Criem-se, criem as camadas de leitores mais cultos e possibilitados. *Bôlsas DE ESTUDO* — como a que está a crescer em Lisboa, com o dedicado Vieira Alves à frente — e acarinhem, os leitores, estudiosos menos felizes e prósperos, o inteligente esforço dos devotados servidores da educação social.

Já é tempo de passar de simples *flor de retórica* isto de PÃO DO ESPÍRITO.

Ler, estudar, meditar, decidir é tão preciso como comer. E se não admitimos especulações com o pão que deve ser nosso em cada dia, também é intollerável a chatinagem do Livro a que temos direito, — DIREITO que não é somente para nosso benefício pessoal mas visa mais alto, tão alto como o bem estar e o êxito da Espécie Humana.

VAZ DA CUNHA

Vieira, — Outubro, 1945

Vestibular

gaia

Outubro 1943

ano 2

N.º 9

pag. 9 anual

vol. 1

BÔLSA DO LIVRO

J. Vieira Alves, que, no Porto, onde é bastante conhecido, exerceu diversas actividades, incluindo o jornalismo profissional, acaba de montar em Lisboa, com a colaboração de jornalista, homens de letras, professores e outros, um organismo com o título da epígrafe.

Bolsa do Livro propõe-se auxiliar todos os estudantes de qualquer ponto do país, fornecendo-lhes em regime de empréstimo, livros e outras publicações. Terá ainda uma bem desenvolvida secção de informações bio-bibliográficas, biblioteconómicas, didáticas, etc. Na sede, na Baixa de Lisboa, os interessados encontrarão salas de leitura, tertúlia e estudo. A inauguração terá lugar por todo o mês de Outubro.

Neste novo Organismo, os alfaiates e modistas podem consultar o *Tratado Prático de Corte*, que também, se encontra ali à venda.

Sede da *Bolsa do Livro* — Largo do D. João da Câmara, 4-4.º — Lisboa.

República
Livraria

6-11-949

avo 33

n: 4629

pag 3

col 3

diário

— Há algum estabelecimento em Lisboa que alugue livros a leitores da provincia? — Maria Emilia.

Sim, senhor. Em Lisboa há várias casas que fornecem livros nessas condições. Ainda não há muito, fizemos referência, na respectiva secção, á Bólsa do Livre. Praça D. João da Camara, 4-4.º, entidade que por meio de inscrição unica de 20\$00 e pagamento mensal de 6\$00, se propõe em-prestar obras antigas e modernas, enviando-as para qualquer ponto do país.

Invidiades

Lisboa

9-11-943

ano 58

pag 2 diário

no 15470

Vol. 2

A LOISA DO LIVRO

sem inuitos mercantis, está o Sr. L. Vieira Alves a montar em Lisboa, uma organização semelhante as que existem nas grandes capitais estrangeiras, destinadas a prestar ao publico toda a especie de informações sobre livros, autores, editores, jornais, revistas e escolas.

Outra secção da Loisa do Livro, titulo da nova instituição, tratara de trocas, emprestimo reciproco de livros, orientação profissional, assumattas de publicação, matriculas e transferencias escolares, etc..

